



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE- UFS

CAMPUS PROF.º ALBERTO CARVALHO

DEPARTAMENTO DE LETRAS-DLI

LUIS CARLOS DA SILVA

**PROFICIÊNCIA EM LEITURA E ESCRITA: O
DESEMPENHO DOS ALUNOS SERGIPANOS NA PROVA
“ANA” DE 2016**

ITABAIANA-SE

2018

LUÍS CARLOS DA SILVA

PROFICIÊNCIA EM LEITURA E ESCRITA: O DESEMPENHO DOS ALUNOS
SERGIPANOS NA PROVA “ANA” DE 2016

Projeto de pesquisa para trabalho de conclusão de curso (TCC), apresentado à disciplina TCC II, do curso de letras/licenciatura/campus itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para a obtenção de nota. Sob orientação da Prof.^a Dra. Marileia Silva dos Reis.

Itabaiana, 02 de março de 2018

AVALIAÇÃO PARA ASSINATURA DA BANCA

BANCA EXAMINADORA

PROF.^a. DR.^a. MARILÉIA SILVA DOS REIS

ORIENTADORA

PROF.^a CAMILA MOTA OLIVEIRA

AVALIADORA

SUMÁRIO

1- Introdução.....	08
2- Metodologia.....	09
3- Embasamento teórico.....	10
3.1- Metas e prioridades acerca da formação dos professores.....	10
3.2- A problematização do ensino da língua materna.....	13
3.3- A problemática no ensino de língua portuguesa.....	20
3.4- A relação entre língua e a identidade cultural.....	23
4- Análise do <i>corpus</i>.....	25
4.1- Análise dos dados da prova ANA 2016 da Instituição I.....	25
4.2- Análise dos dados da prova ANA 2016 da Instituição II.....	27
4.3- Um breve comentário acerca dos resultados da prova ANA.....	29
5- Considerações finais.....	30

Referências

RESUMO

O presente trabalho visa salientar o nível de proficiência em leitura e escrita através do desempenho dos estudantes do terceiro ano do ensino fundamental de duas escolas localizadas na cidade de Ribeirópolis SE, além da qualidade do ensino na sociedade contemporânea, com um olhar aprofundado para com o estado de Sergipe. Apresentando como coleta de dados, o resultado da avaliação ANA que ocorrera no Brasil no ano de 2016, vamos salientar a respeito do desempenho obtido pelos estudantes sergipanos na presente prova, tentaremos, por assim dizer, fazer uma relação sobre a qualidade do ensino que se faz presente na atmosfera sergipana, correlacionando-a com os demais estados brasileiros, para assim, descobrirmos os reais fatores existentes que ocasionaram no resultado ruim obtido pelo estado de Sergipe de acordo com a ANA de 2016.

PALAVRAS- CHAVES: Alfabetização, práticas pedagógicas, proficiência em leitura e escrita.

ABSTRACT

The present work aims to highlight the level of proficiency in reading and writing through the performance of the students of the third year of elementary school in two schools located in the city of Ribeirópolis SE, besides the quality of teaching in contemporary society, with an in-depth look at the state of Sergipe. Presenting the results of the ANA evaluation that took place in Brazil in 2016, as a data collection, we will highlight the performance of the Sergipe students in the present test, we will try, as it were, to make a relationship about the quality of teaching that is makes it present in the Sergipe atmosphere, correlating it with the other Brazilian states, in order to find out the actual factors that caused the bad result obtained by the state of Sergipe according to the ANA of 2016.

KEYWORDS: Literacy, pedagogical practices, proficiency in reading and writing.

“A língua é como um rio que se renova, enquanto a gramática normativa é como a água do igapó, que envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações.”

(Bagnó).

1- INTRODUÇÃO

Para podermos obter uma melhor informação no tocante ao processo educativo, assim como a qualidade da educação, tendo como base, algumas escolas das redes estaduais e municipais no estado sergipano, o presente trabalho irá fazer um levantamento a respeito da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), que objetiva diagnosticar os níveis de alfabetização e letramento em língua portuguesa e alfabetização matemática, apontando fatores contextuais sobre as condições do trabalho em cada escola. (Inep, 2013)

De acordo com o Inep, a prova ANA será aplicada, por assim dizer, aos alunos que estão cursando o terceiro ano do ensino fundamental das escolas públicas, para que possa ser desvendado o nível de proficiência dos alunos que se inserem em tal avaliação. Para tanto, deverá ser levado em consideração, os fatores socioeconômicos aos quais os estudantes estão inseridos, assim como o nível da formação dos docentes que atuam nas instituições de ensino que serão aplicadas as provas do ANA.

Além disso, enfatizaremos também, no presente trabalho de pesquisa, as questões acerca do analfabetismo funcional que é uma marca presente em muita gente que possui, por motivos diversos, algumas falhas no ensino fundamental menor e que carregam até alcançarem a fase adulta. Por definição, o indivíduo caracterizado como analfabeto funcional possui deficiências no tocante a leitura e interpretação de textos, sendo assim, a pessoa possui a capacidade de ler o enunciado, porém, na maioria das vezes, não o interpreta adequadamente.

Tentaremos salientar, pois, a partir dos pressupostos teóricos dos estudiosos: Rosa Virgínia Mattos e Silva (2005), Antônio Dias Nascimento (2009), dentre outros, sobre as problemáticas que envolvem as práticas pedagógicas presentes no ensino contemporâneo propriamente ditas. Como por exemplo, entender melhor quais os motivos que ainda circulam em pleno século XXI, após inúmeros movimentos revolucionários no tocante às práticas pedagógicas, vários obstáculos nos processos educacionais, focando nas séries iniciais do ensino, já que o material de pesquisa do presente trabalho é redirecionado ao terceiro ano do ensino fundamental I.

Portanto, o foco primordial do presente trabalho é, através das análises realizadas das provas do ANA e sobre teorias a respeito do analfabetismo funcional, realizar levantamento para que assim possamos descobrir como acontece o processo de aprendizagem na sociedade contemporânea, tendo como base, resultados obtidos pelos estudantes sergipanos na prova “ANA” de 2016.

2- METODOLOGIA

Para a realização do nosso trabalho, teremos como base os boletins de resultado da prova ANA que fora realizada em duas escolas da cidade de Ribeirópolis- SE no ano de 2016, e mais adiante iremos fazer levantamentos a respeito do resultado obtido no estado de Sergipe em geral, o qual apresentou um índice bastante baixo em relação aos outros estados brasileiros, para assim entendermos melhor o contexto que levou o estado sergipano a níveis tão baixos no que diz respeito aos campos da leitura, escrita e também da matemática, pois é esse o objetivo da prova ANA, porém, iremos enfatizar mais atentamente a área da linguagem.

Os materiais que fizemos uso para a elaboração do presente trabalho de pesquisa, que foram os boletins da prova ANA, como mencionamos acima, foram obtidos através do site <http://ana.inep.gov.br/ANA/view/resultadosFinais.seam>, logo, utilizamos das informações explicitadas nos presentes boletins, além dos conhecimentos que possuímos a respeito das instituições as quais escolhemos para analisarmos. Ambas as escolas são localizadas na cidade de Ribeirópolis SE e possuem algumas diferenças básicas, uma é de pequeno porte e pertencente à rede estadual de ensino, já a outra apresenta uma estrutura mais acessível que a outra e faz parte da rede municipal de ensino.

Sendo assim, vamos realizar, por assim dizer, um estudo qualitativo tendo como base os boletins das provas ANA além de levantar hipóteses, também, a respeito do analfabetismo funcional para que possamos identificar os problemas existentes no processo educacional que se faz presente em nossa sociedade atual, não só em Sergipe, mas no Brasil e no mundo, se os problemas educacionais remetem apenas ao contexto social aos quais os alunos se inserem ou se os professores também, em alguns casos, são despreparados no tocante às inovações educacionais ou se se sentem desmotivados para ensinarem.

3- EMBASAMENTO TEÓRICO

3.1- METAS E PRIORIDADES ACERCA DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

A sociedade contemporânea possui, a cada dia que passa, diversos meios tecnológicos que podem influenciar e interferir totalmente no que diz respeito a educação propriamente dita. Isso é um fator positivo sem via das dúvidas, porém, vale ressaltar que apenas uma minoria provavelmente consegue se adentrar nos meios de inovações tecnológicas, fazendo com que o conhecimento não seja distribuído por igual, e conseqüentemente, aumentando ainda mais, o número de analfabetos funcionais.

As transformações, acima mencionadas, tratam-se do atual cenário do mundo globalizado. Com a ascensão da internet e também, da nanotecnologia, observamos que esses recursos são impostos e determinados por aqueles indivíduos portadores dos conhecimentos necessários sobre essas revoluções tecnológicas e científicas. Tais fatores interferem de maneira significativa na formação docente atual, assim como nos componentes curriculares obrigatórios.

Porém, mesmo sabendo que as inovações científicas e tecnológicas são dominadas por uma minoria da população, aquelas que possuem mais capital, como podemos observar desde o passado, é sabido que ela é capaz de fazer com que o conhecimento se propague de uma maneira estupidamente mais rápida e acessível também, mas possuem ainda alguns pormenores, como podemos observar no trabalho realizado pela autora Leonor Sciliar Cabral (2007), em seu trabalho intitulado de “Metas para a formação de professores: prioridades”:

Pode parecer que o acesso ao conhecimento foi democratizado e que mais pessoas o dominam no mundo inteiro, rompendo assim o fosso que separa os poderosos dos destituídos, mas isto não corresponde aos fatos: não só ainda existem 774 milhões de iletrados, dos quais 64% são mulheres, conforme os dados do Serviço de Estatística da UNESCO (2007), como mesmo em muitos países em que o ensino fundamental é compulsório, a porcentagem de analfabetos funcionais vem aumentando, o que os torna praticamente à margem da realização pessoal, social e civil. (CABRAL, 2007, p. 02)

Fica bastante clara, no trecho acima explicitado, a quantidade de indivíduos que são iletrados, sendo que a maioria dessas pessoas analfabetas é constituída por integrantes do gênero feminino. Isso quando falamos do mundo inteiro, podemos imaginar, conseqüentemente, a quantidade absurda que existe de pessoas que são analfabetos funcionais, não só nos países emergentes, mas também nos países desenvolvidos.

Logo, numa época em que a educação se dá através da interação que o indivíduo possui com os meios tecnológicos, podemos perceber que certas classes sociais se sobressairão melhor que outras mais inferiores, como podemos observar nos comentários de Nascimento e Hetkowski (2009) sobre os sistemas educacionais:

Além dos aparatos repressivos do Estado, foram os sistemas educacionais e de comunicação que asseguraram através de um rigoroso controle ideológico a manutenção de uma cidadania de papel, como se costuma ouvir nos meios populares. O sistema escolar, além de ser mantido inacessível à maioria da população, que permaneceu analfabeta, sempre foi pautado nos ideais dos setores dominantes, indiferentes, portanto à realidade do povo. A educação era tida como um aparato de preparação de quadros para uso do sistema. Desde cedo, portanto, a educação é orientada para a heteronímia. O sistema de comunicação destinava-se também às elites, permanecendo as grandes massas à margem da vida pública. (NASCIMENTO, 2009, p. 135- 136)

Partindo dos comentários acima explicitados podemos dizer, pois, que o sistema educativo contemporâneo, de certa forma, expandiu mais um pouco de sua atenção para com as classes menos favorecidas, porém, ainda se pode encontrar a grande desigualdade social que se faz presente em nosso meio, herança essa que, certamente, se fará presente ainda por muito tempo na sociedade contemporânea.

Paralelo aos estudos dos dois autores que mencionamos anteriormente, podemos analisar nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médios, do ano 2000, que o ensino médio está passando por várias mudanças, as quais irá exigir que os alunos se encaixem nessa sociedade contemporânea, atingindo assim, os direitos à cidadania e de trabalho.

Para atingir um melhor desempenho e aprendizagem nos âmbitos escolares, os educadores, juntamente com a LDB e o Ministério da Educação, adotam de políticas educacionais que visam à descompartmentalização das informações, para que assim, se utilizem mais da contextualização e da interdisciplinaridade para que a aprendizagem obtenha melhores índices escolares, e conseqüentemente, instigar o senso crítico e a capacidade de querer aprender a cada vez mais nos alunos.

Os PCN+, que apresenta orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio, servirão como um meio de diálogo entre os educadores atuantes nos meios escolares. Para que os professores entendam melhor como prosseguir com a aprendizagem levando em consideração os meios e condições de trabalho presentes nas instituições de ensino do Brasil.

Podemos perceber que os PCNs foram criados para atender as necessidades de mudanças e atualizações do ensino no Brasil, para que o nosso país alcançasse um melhor índice de escolaridade, com mais eficiência, além de uma democratização social e cultural mais efetiva e enraizada, haja vista que é só partindo de uma melhor escolarização que a sociedade se integrará de mais indivíduos qualificados para ingressarem no mercado de trabalho. (PCN+, p.7)

De acordo com os PCN+ o Brasil sofreu um imenso disparo na quantidade de estudantes matriculados no ensino médio e que, conseqüentemente estão ingressando no ensino superior:

Em passado não muito distante, a quase totalidade dos que frequentavam a escola regular de ensino médio estava ali de passagem para o ensino superior. Na atualidade, essa parcela corresponde a não mais de um quarto dos alunos- fração fácil de calcular, quando se comparam os quase 10 milhões de estudantes de ensino médio com os cerca de 2,5 milhões de matrículas no ensino superior no país. (PCN+, p. 10)

Partindo dos dados acima apresentados, podemos dizer, pois, que o Brasil conseguiu alcançar uma boa melhoria na quantidade de jovens que se encontram matriculados no ensino médio e que sonham em alcançar um nível de escolarização ainda maior. Porém, é sabido que as práticas metodológicas presentes nos ambientes escolares ainda tem muito que melhorar, porque os professores ainda mantém aquele velho status de único ser capaz de possuir e de transmitir o conhecimento.

3.2- A PROBLEMATIZAÇÃO DO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

A partir da leitura realizada do presente texto, intitulado de “Projetos de letramento e formação de professores de língua materna”, cuja autoria pertence a essas três grandes estudiosas: Maria do Socorro Oliveira, Glícia Azevedo Tinoco e Ivoneide Bezerra de Araujo (2014), podemos observar que logo de início as autoras fazem alusão aos estudos do filósofo John Dewey, através do qual nos permite refletir sobre o verdadeiro papel da educação na contemporaneidade, através da relação entre os educadores e a escola nova, entre os indivíduos e o meio. Sendo assim, podemos observar que o trabalho dessas grandes estudiosas do campo da educação, tem como objetivo discutir a noção de projetos de letramento e evidencia o modo como essa prática pode redimensionar o ensino de língua materna, para melhoria do ensino de língua em nossas escolas, como uma prática sociocultural, voltada particularmente para agir no mundo.

Segundo Dewey, “A concepção da educação como um processo e função social não terá significado definido enquanto não definimos o tipo de sociedade que temos em mente”. Demonstra claramente que não é possível pensar educação e mais particularmente, a educação linguística senão relacionarmos com a sociedade. A discussão incide na definição de uma política de ensino-aprendizagem baseada na relação indivíduo/sociedade.

No primeiro capítulo, a partir de três casos, discute-se a prática didática de três professoras, tendo-se o propósito de chamar atenção não apenas para os diferentes estilos de ensino-aprendizagem, mas, sobretudo, para a necessidade de o professor ter a consciência da concepção de linguagem que adota no letramento escolar, sem esquecer também do papel que exerce no espaço escolar e fora dele.

Sabendo que vivemos numa realidade fortemente perturbadora e que é caracterizada por inúmeras incertezas, é essa a sociedade atual, que ganhou tais aspectos devido à sua enorme diversidade e, também, pela sua divisão. Logo, é sabido que num cenário de tamanha desigualdade, diferenças, algumas classes sempre vão acabar se dando bem ao mesmo tempo em que desfavorece e impossibilita os indivíduos, com situações financeiras menores, de obterem sucesso em suas vidas profissionais. E é nesse contexto relacionado ao campo da educação que as autoras irão dizer o seguinte:

No campo da educação, é exatamente esse processo de dispersão que passa a ser o eixo a partir do qual se problematiza a própria natureza e função da educação nos dias atuais. Em face disso, temos presenciado os variados movimentos e mudanças de paradigma nos quais se tem apreendido o esforço de educadores preocupados e encontrar saídas que promovam o crescimento do homem e da sociedade de forma integrada. Uma dessas alternativas de abordagem educacional tem sido o trabalho com projetos, fundado especialmente na concepção de uma 'escola aberta'. Em oposição à compreensão de escola vista como um espaço fechado preocupado exclusivamente com a homogeneização do indivíduo e das práticas sociais e a cristalização de um conhecimento produzido e distribuído de forma desigual na sociedade, essa opção de educação baseia-se na relação vida/escola, defendendo os princípios de autonomia, liberdade, igualdade e democracia e buscando, sobretudo, processos de mudança e emancipação social. (OLIVEIRA et al, 2014, p.12)

No trecho acima mencionado podemos observar claramente como as autoras reforçam muito bem a ideia de que o ensino na escola deverá, para que seja algo bastante proveitoso além de prazeroso, ser passado de maneira que trate os alunos sem distinção, de maneira igual para com todos, respeitando a diversidade, as particularidades pertencentes a cada pessoa, que é o que as tornam especiais. Porque dessa maneira, o ensino nas escolas vai contribuir de maneira positiva na realidade de todas as crianças que nelas estudam.

Porém, na sociedade contemporânea, pode-se perceber que ela é bastante celetista, tornando-se, pois, num cenário altamente complicado para que a linguagem possa ser trabalhada através de fundamentações sobre uma abordagem mais aberta da educação. Então uma saída, do ponto de vista das autoras do presente texto analisado, seria trabalhar com os estudantes, muito mais práticas que envolvam projetos de letramento, haja vista que é partindo da pragmática que o ensino consegue se tornar algo muito mais prazeroso e, também, enriquecedor no que diz respeito à aquisição de conhecimentos. A respeito de tais projetos de ensino de letramento, as autoras salientam o seguinte:

Situada num campo de inovação no ensino, justificada pela recorrência com que tem sido usada em variados contextos de educação e pelos discursos que giram em torno dela, essa prática tem gerado, como toda forma de inovação, condutas de resistência e de adesão determinadas não apenas pela prática em si mas também por todas as variáveis que podem interferir no seu desenvolvimento: estrutura física das escolas, instrumentos necessários ao seu desenvolvimento (recursos logísticos, instrucionais e financeiros), disponibilidade, vontade e competência de professores para se entregar à tarefa e interesse de outros sujeitos sociais envolvidos no processo de ensinar/aprender (alunos, coordenadores, administradores, pessoas da comunidade, por exemplo). (Idem, p.13)

Repare, que de acordo com as pesquisas realizadas pelas autoras do trabalho analisado, para que as práticas dos projetos de letramento consigam ser concretizados com verdadeiro sucesso é necessário que, antes de qualquer outra coisa, exista por parte dos profissionais de ensino, uma verdadeira vontade de ensinar, ou seja, é preciso fazer a coisa porque realmente

gosta, haja vista que se os profissionais estão atuando apenas, na maioria dos casos, porque é a única opção de doente de renda que obtiveram e não por vocação, o ensino se tornará em algo defasado de fato. E tais projetos de letramento, acima de tudo, propiciarão aos alunos, também, além de mais facilidade de extrair aprendizado, amadurecimento tanto na leitura, quanto na escrita, tornando-se, pois, ótimos cidadãos autônomos no que diz respeito linguagem e o seu uso perante a sociedade.

O trabalho com projetos fundado com a preocupação dos educadores pode encontrar saídas que promovam o crescimento do homem e da sociedade de forma integrada, contrapõe à compreensão de escola vista como espaço fechado, conhecimento produzido e distribuído de forma desigual na sociedade. Essa opção de educação baseia-se na relação vida/social buscando, sobretudo, processo de mudança e emancipação social.

É sabido que a maneira pela qual o ensino é propagado pelas escolas segue sempre de maneira linear, ou seja, através de conteúdos que, de certa forma, são obrigatórios e tem que ser transmitido de tal jeito. Tais fatos impossibilitam o público docente de se arriscarem em conseguir ensinar utilizando outros meios que fujam daquilo que é proposto pela instituição, tornando por assim dizer, muito mais complexo o desafio de ensinar/aprender nos ambientes escolares. Podemos observar também, que tais complexidades são resultados do nosso passado histórico, desde lá na idade média muitos assuntos, no que diz respeito ao ensino propriamente dito, eram limitados ao que as pessoas entendiam por convencionais, costumes que persistem até na sociedade contemporânea, infelizmente.

A educação como prática recontextualizada pelas atuais demandas sociais funciona como uma alternativa que promete priorizar a inclusão, a participação e o reposicionamento identitário do aluno favorecendo a satisfação pessoal. As Autoras defendem a leitura e a escrita trabalhadas como ferramentas para agência social, garantindo a mudança, a emancipação e autonomia, requisitos indispensáveis ao exercício da cidadania.

É Apontada também, a questão da prática escolar estar centrada basicamente na sequenciação de conteúdos curriculares segmentados em disciplinas. Em razão disso, muitos professores se sentem inseguros em romper com essa tradição e buscar formas alternativas para seu trabalho pedagógico. Como falar em educação cidadã, se continuo a preparar minhas aulas de língua portuguesa focalizando os conteúdos gramaticais isoladamente? As orações subordinadas reduzidas no infinitivo, uma vez que analisadas e classificadas junto com os

alunos, serão cobradas em prova e nunca mais serão por eles utilizadas nas situações cotidianas nas diferentes esferas da vida social as quais estão inseridos. Talvez por isso os alunos dizem não ver sentido no que é ensinado em sala de aula.

A prática da redação é mencionada nesta obra, apontada como exercício de escrita individual se fecha dentro dos muros da escola sem promover reflexos para fora do contexto escolar. Professores que agem dentro do limite da disciplina e os alunos apenas reagem dentro dos mesmos limites, cada professor em sua “ilha disciplinar”.

Além dos fatores negativos no ensino de língua que mencionamos acima, é sabido que ainda há diversos fatores que implicam nessa deterioração, por assim dizer, no que diz respeito ao ensino da linguagem. Logo, podemos salientar sobre a questão de determinadas regras gramaticais que os alunos só veem e utilizam, de fato, nas salas de aula. Daí surge os vários questionamentos sobre a importância e relevância de se estudar e ensinar algo que as pessoas dificilmente irão utilizar em seu dia a dia. E conseqüentemente, vai aparecendo também, certa desmotivação de aprender mais sobre a língua propriamente dita. Sobre essa problemática mencionada anteriormente, as autoras falam que:

Mudam-se os tempos, mudam-se os espaços, mudam-se as pessoas, muda-se a ciência, muda-se o mundo, mas as mudanças na escola são muito lentas e requerem um enorme esforço de cada um de nós e de todos nós juntos para pensarmos com criticidade o que estamos ensinando, para quem, por que, para que, que alunos queremos formar, que metas temos para a escola e para a vida. E, mesmo assim, ainda persiste a dúvida: como podemos quebrar esse paradigma da compartimentalização já tão consolidado na educação do Brasil e do mundo? (Idem, p.19)

Para podermos entender melhor o que as autoras salientam no fragmento destacado acima, podemos dizer que as mudanças nos ambientes escolares vão evoluindo de maneira bastante devagar. Quase tudo muda de forma mais rápida e eficaz, porém na escola é diferente e, conseqüentemente, à medida que as pessoas vão evoluindo também e adquirindo novos hábitos, falares, comportamentos, começam a estranhar, de fato, a metodologia arcaica que as escolas fazem uso na hora do ensino.

Partindo de tudo o que fora salientado até o momento, fica bastante perceptível que um dos principais focos da utilização dos projetos de letramento no ensino da linguagem requer um olhar minucioso na interação entre os sujeitos que atuam na relação de ensino/aprendizagem. Haja vista que na maioria das vezes os professores se sentem como os donos da verdade absoluta, e achando, por assim dizer, que os alunos são seres incapazes de transmitir qualquer espécie de conhecimento, visão totalmente errada em relação aos

inúmeros aprendizados que os docentes podem adquirir no decorrer de suas profissões, através do contato com os alunos. Na maioria das vezes, tendo em vista o que fora dito acima, os alunos começam a achar que são incapazes de fazer questionamentos durante as aulas, e acabam por tentar compreender aquilo que lhes são imposto sem se quer questionar com o professor.

Um fator que podemos utilizar para poder explicar melhor sobre a problematização que fora mencionado anteriormente é a utilização de aulas expositivas, essas que por sua vez, não possibilita aos professores gerar um melhor sentido e produtividade, pois as aulas, nesse caso, se tornam bastante repetitivas e, conseqüentemente, muito mais monótonas. Podemos perceber, pois, que os docentes se atentam, somente, à transposição dos conteúdos, não ligam se o alunado estiver assimilando perfeitamente, isso em alguns casos. Então, um dos incentivos utilizados para que os discentes obtenham mais participação nas aulas, dar-se-á através do medo que eles apresentam de seus professores, assim como não conseguirem obter um bom aproveitamento escolar.

No que diz respeito ao ensino individual, quando os professores centram o olhar em cada aluno, o apoiando e norteando particularmente, o aproveitamento e a qualidade do ensino ganhará uma melhora considerável, haja vista que os alunos ganharão mais liberdade e independência para poder escolher o seu horário de realização das tarefas de acordo com o seu ritmo. Isso fará, de maneira sutil, com que os discentes ganhem uma força maior no processo de aprendizagem, ele poderá fazer utilização de seus conhecimentos prévios, juntamente com o que aprenderam em sala de aula porque se sentirão mais a vontade para poder pôr em prática seus conhecimentos.

Desse modo, os alunos começarão a se preocuparem em aprender a obterem e buscarem o conhecimento trata-se de uma maneira, através da qual, os professores consigam instigar em seus alunos a prática de pesquisar com autonomia. E isso pode gerar, automaticamente, uma quebra daquele tabu de professor contra aluno, fazendo com que haja uma maior interação na relação de ensino/aprendizagem, fazendo com que os professores ensinem e sejam ensinados, também, por seus alunos. Até porque, é sabido que todo mundo quando começa a frequentar a escola, já traz consigo uma imensidão de conhecimentos que foram adquiridos mediante a sua interação com os familiares e, também, seus amiguinhos de infância, inclusive todo um conhecimento sobre a língua que se usa, a sua própria gramática internalizada. Logo, fica bastante claro que os alunos não são meros recipientes vazios e

incapazes de poder ensinar algo novo aos seus professores, que são vistos, na maioria das vezes, como os únicos seres dotados de conhecimentos no ambiente escolar.

Então, de acordo com as autoras do texto analisado, será partindo dos problemas e desafios que mencionamos anteriormente que surgirá o interesse de se trabalhar com projetos para que possamos interferir de maneira positiva no ensino de letramento, a relação de ensino/aprendizagem ficará, cada vez mais, muito mais proveitosa e prazerosa. Porque, ao invés de formarmos cidadãos mecânicos, sujeitos que fazem apenas cópias e cópias de outros autores, vamos conseguir formar futuros leitores críticos, capazes de ler e compreender as informações presentes nos textos, para assim, o aprendizado se tornar algo mais grandioso.

No caso da aula-passeio que foi destacado, as práticas de letramento nelas desenvolvidas exemplificam a complexidade inerente ao processo de ler e escrever para agir na vida real, a qual sinaliza a postura reflexiva dessas três professoras prontas a repensar a própria prática aproximando da educação cidadã. Nas ações desenvolvidas nesta atividade, houve a interação interdisciplinar com práticas reflexivas ao cotidiano, a exemplo das planilhas de custos elaboradas pelos alunos, o mapeamento de ida e vinda do trajeto realizado e a indicação das roupas adequadas à atividade, assim como as calorias perdidas.

No outro caso percebemos a visão flexível da professora que ao planejar a aula direcionada a leitura de um acervo selecionado, e ao mudar os planos ao se deparar com os alunos discutindo o assunto em destaque, o referendo sobre o desarmamento. Essa discussão de fato atendeu a demanda comunicativa do aluno, a linguagem como prática social e não apenas como uma forma de representar o mundo. Permitir aos alunos a atuação em outros espaços de aprendizagem, a ressignificação do tempo escolar e o trabalho conforme ritmos diferenciados. Os alunos tornam-se sujeitos de sua aprendizagem funcionando o professor como um articulador de ações, logo também aprendente.

Por fim, comparar as diversas formas de ver o fato social e refletir sobre ele, promover a dimensão reflexiva, desenvolvendo sua capacidade crítica em relação ao mundo vivido, situação em que é ouvido valorizando o saber e a cultura que ele traz para a escola, significa evolvê-lo no processo educativo, atuando na construção da autonomia tão desejada por todo cidadão. No processo educativo os agentes envolvidos devem ser sujeitos ativos, o aluno enquanto sujeito de conhecimento, o professor embora possua saberes acumulados, não é o único que detém o conhecimento e competências.

3.3- A PROBLEMÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Um grande fator que também podemos analisar no que diz respeito ao ensino da norma gramatical nos ambientes escolares está presente em um ensaio realizado por Carlos Bagno no ano de 2012 que trata sobre a norma culta a qual nos ensinam nas escolas, no qual o Bagno enfatiza a questão do preconceito com relação à norma padrão: “Norma culta, um preconceito milenar: O primeiro desses conceitos é o que poderíamos chamar de do senso comum, tradicional ou ideológico, e é aquele que tem mais ampla circulação na sociedade. Na verdade, trata-se muito mais de um preconceito do que de um conceito propriamente dito. É o preconceito de que existe uma única maneira “certa” de falar a língua, e que seria aquele conjunto de regras e preceitos que aparece estampado nos livros chamados gramáticas. Por sua vez, essas gramáticas se baseariam, supostamente, num tipo peculiar de atividade linguística – exclusivamente escrita – de um grupo muito especial e seletivo de cidadãos, os grandes estilistas da língua, que também costumam ser chamados de “os clássicos”. Inspirados nos usos que aparecem nas grandes obras literárias, sobretudo do passado, os gramáticos tentam preservar esses usos compondo com eles um modelo de língua, um padrão a ser observado por todo e qualquer falante que deseje usar a língua de maneira “correta”, “civilizada”, “elegante” etc. É esse modelo que recebe, tradicionalmente, o nome de norma culta.” (Bagno, 2012).

Como podemos ver no fragmento acima, é um erro achar que existe uma maneira bonita/melhor de se falar, porque dessa maneira os alunos irão se sentir reprimidos quando forem oralizar em determinados ambientes e ocasiões, deixando de lado sua língua materna e causando com isso uma espécie de trauma impossibilitando um bom aprendizado. Além disso, ao impor tal norma padrão, deixaremos de lado também os valores culturais trazidos de cada indivíduo. Também nessa mesma perspectiva embasa Gagné:

Trata-se, para a escola, sem lançar juízo de valor sobre os diferentes usos e sem querer eliminar os usos espontâneos e legítimos, de oferecer ocasiões de utilização dos elementos ouvidos e compreendidos, que fazem parte da competência passiva das crianças. O objetivo não é substituir um uso por outro, mas, antes, familiarizar a criança com o emprego de formas prestigiosas. (apud BAGNO, 2002, p.9).

É muito importante salientarmos a questão de língua materna na sala de aula, já que esse é o lugar fundamental do favorecimento das condições para o letramento dos alunos; explicar aos alunos os diferentes tipos de variações linguísticas existente em uma única região, por

exemplo: o falar nordestino, carioca, baiano, paulista... Vejam que em um país existem inúmeras variações, inclusive até em um determinado lugar, tipo: o jeito de falar do pessoal da cidade e do pessoal do campo. Em muitas regiões pode-se perceber a diferença nesses dois modos.

A escola deve ser um ambiente onde haja a democratização de todas as variantes linguísticas mencionadas acima, sem esquecer também que além de variação na linguagem é preciso correlacionar, todavia, as questões nos campos sociais, regionais, etários, profissionais etc., para que assim, a sala de aula torne-se um local melhor, desenvolvendo pesquisas do idioma, deixando de prestigiar apenas as variedades que possuem mais prestígios perante a sociedade.

Outro assunto que também tem bastante relevância no âmbito do ensino de gramática é o surgimento de várias áreas de ensino que são correlacionadas à linguística: sociolinguística, psicolinguística, linguística do texto, pragmática linguística, análise da conversação, análise do discurso etc. Salientamos então, que com o surgimento de tantas novas disciplinas linguísticas, acaba por então dizer, com o ensino que era restrito apenas na gramática e na norma padrão, dando origem, assim, a futuros alunos mais preocupados com questões de interação social, por exemplo, com evolução da linguagem, abertos pra inúmeras questões correlacionadas com a linguagem e também por diversas ideologias da área do discurso.

Mas por outro lado, o que a gente vê nos ambientes de sala de aula, são ensinamentos totalmente opostos ao que fora apresentado no parágrafo acima. O que é que nós vamos fazer para mudar uma forma de ensino presa aos costumes passados, por professores que também são desatualizados? Talvez se tivéssemos políticas que priorizassem mais na educação, obteríamos assim novos meios de superar tamanho problema que é o ensino de gramática, se afastando de normas e priorizando a fundo as particularidades de todos os alunos/pessoas. Sobre a forma de ensino no Brasil focando principalmente no ensino fundamental os PCNs informam que:

Desde o início da década de 80, o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais — inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres — estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. Essa dificuldade expressa-se com clareza nos dois gargalos em que se concentra a maior parte da repetência: no fim da primeira série (ou mesmo das duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, por dificuldade em alfabetizar; no

segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim da oitava série.(PCNs, 1997, p.14)

Reparem que os PCNs também trazem à tona a preocupação com o modo pelo qual os nossos alunos estão com dificuldades para aprenderem a ler e a escrever simultaneamente, indagando, sobretudo, o modo pelo qual a maioria dos professores trabalha com os alunos do ensino fundamental, pois, segundo os PCNs, é nesse momento que se deve ter bastante desdobramento no que diz respeito ao modo/forma pela qual o ensino do português venha ser ensinado. Se não houver, por parte de quem ensina, uma tamanha dedicação, inovação, dinâmicas, qualquer outra forma que estimule e instigue a atenção dos alunos, principalmente na base, que é o fundamental menor, não podemos esperar muito desses alunos no decorrer de sua jornada escolar.

3.4 A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E A IDENTIDADE CULTURAL

Agora iremos enfatizar sobre uma questão que também pode ser correlacionada quando se fala sobre ensino de língua portuguesa, que é identidade cultural. Sabemos que todo povo possui uma identidade própria, que essa é resultante, todavia, de particularidades em sua cultura, sendo expressada e ganhando mais força através do uso corrente da linguagem, principalmente da linguagem verbal.

Partindo dessa perspectiva que é muito abrangente, vamos poder então, correlacionar língua e cultura, povo e identidade, através das concepções e atividades pedagógicas do ensino de língua materna. Então não podemos tratar dos quatro elementos que foi mencionado acima isoladamente. Muito pelo contrário, teremos que apresentar a ligação existente entre eles.

Sobre a concepção de língua, é sabido que a escola e o consenso da sociedade ainda são muito importantes para o aprimoramento dos futuros falantes, eles são mediadores muito importantes para passar adiante os traços culturais do povo. E pensando nessa mesma linha a Irlandé Antunes (2009) irá nos revelar em seu livro intitulado “Língua, texto e ensino, outra escola possível”:

Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares, que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua. Pensar numa língua uniforme, falada em todo canto e em toda hora do mesmo jeito, é um mito que tem trazido consequências desastrosas para a autoestima das pessoas (principalmente daquelas de meios rurais ou de classes sociais menos favorecidas) e que tem confundido, há séculos, os professores de língua. (ANTUNES, 2009, p. 22)

Podemos entender, por assim dizer, que a língua é indispensável para que haja uma cultura, já que essa tem que ser transmitida com o passar do tempo através de várias maneiras, sendo uma delas a linguagem, construindo então, a identidade de um povo.

Exemplificando o que foi dito no parágrafo anterior, podemos citar os diferentes modos de falares que são típicos de cada região, revelando a identidade do indivíduo através do momento em que usa a linguagem, pelo jeito de falar e pelo som. Isso tudo ocorrerá num mesmo território em que usam a mesma língua. Em muitos casos, poderá ocorrer preconceito de um determinado local em relação a outro, como podemos ver no seguinte trecho:

Pesquisas etnográficas já demonstraram a força dessa associação: interrogados sobre quem falava mais bonito, se os nordestinos ou os paulistas, nordestinos do sertão pernambucano declararam, com ares de quem dizia obviedades, que a fala do nordestino é muito mais feia, muito mais desagradável e deselegante que a do paulista, evidentemente. Essa associação, na ingenuidade de muitos, leva a afirmar que o próprio falante nordestino é mais feio que o falante paulista. (ANTUNES, 2009, p.24)

Por incrível que pareça, o preconceito acima mencionado é reforçado de uma maneira que talvez passe despercebido pelas escolas, e também através da mídia. É preciso que haja debates em salas de aula abordando a variedade cultural, os diferentes modos de falar, que não existe uma língua melhor do que outra, pelo contrário, cada uma carrega sua herança e vai mudando e se adequando de acordo com as necessidades das pessoas.

4- ANÁLISE DO CORPUS

4.1- ANÁLISE DOS DADOS DA PROVA ANA 2016 DA INSTITUIÇÃO I

Tabela 1- Participação dos estudantes de sua escola

PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES DE SUA ESCOLA			
Estudantes	Leitura	Escrita	Matemática
PREVISTOS			
Total de estudantes matriculados em sua escola, no 3º ano do Ensino Fundamental, de acordo com o Censo Escolar 2016.	41	41	41
PRESENTES			
Total de estudantes matriculados em sua escola, no 3º ano do Ensino Fundamental, que estavam presentes no dia da aplicação dos testes ANA, de acordo com o Censo Escolar 2016	37	37	33
PRESENTES VÁLIDOS			
Total de estudantes matriculados em sua escola, no 3º ano do Ensino Fundamental, que estavam presentes e que responderam a três ou mais questões dos testes objetivos (Leitura ou Matemática), de acordo com o Censo Escolar 2016.	36	36	33

Como fora dito no início do presente trabalho, o intuito das nossas pesquisas consiste em fazer levantamentos a respeito dos resultados da prova ANA que foi realizada no ano de 2016 em todo o Brasil, porém com foco em duas escolas de Ribeirópolis SE, as quais iremos disponibilizar em anexo no presente trabalho, e em seguida iremos fazer uma comparação com o resultado geral do estado de Sergipe e dos demais estados brasileiros, para assim, podermos entender como o nosso estado obteve o pior resultado do país.

Primeiro faremos uma breve análise em relação à primeira escola que fora escolhida como corpus do nosso trabalho e que pertence a rede estadual de ensino, sendo assim, no que

diz respeito ao nível socioeconômico da presente instituição, averiguamos que o quadro de discentes se enquadra em classe média-baixa, podemos averiguar esses aspectos sociais também, através da observação da comunidade escolar.

A participação dos estudantes da instituição I na prova ANA não foi tão ruim assim, através dos dados que podemos observar no quadro relativo a essa instituição, vimos que a quantidade de alunos que estavam matriculados no 3º ano do ensino fundamental em 2016 chegava a um total de 41 indivíduos, sendo assim, 37 estavam presentes nos dias de realização das provas direcionadas à leitura e a escrita, e 33 alunos estavam presentes nas provas de matemática. Dos 37 estudantes que se disponibilizaram a comparecer nas provas de leitura e escrita, 36 responderam pelo menos a três ou mais questões da prova ANA e apenas um não conseguiu alcançar o objetivo do teste, já os 33 que estavam presentes na prova relativa à matemática atingiram o objetivo mínimo proposto pela ANA.

Agora vamos salientar os resultados dos alunos da primeira das duas instituições de ensino escolhidas como objeto de análise do presente trabalho, a respeito dos níveis de proficiência em leitura e escrita os quais desempenharam na prova ANA de 2016. Sendo assim, começaremos primeiro com os resultados sobre proficiência em leitura, disponibilizado no gráfico 1 deste boletim, e sabendo que existem quatro níveis começando do nível 1, que é o mais inferior, até o nível 4, os quais medem o desempenho dos estudantes em determinadas áreas da prova ANA. Averiguamos, por assim dizer, que dos alunos que participaram do presente teste, 58.33% se enquadraram no primeiro nível relativo à proficiência em leitura, 22.22% ficaram no segundo nível, 13.89% no terceiro e 5.56% apenas, conseguiram alcançar o quarto nível, que de acordo com os objetivos da ANA, é o estágio mais elevado de proficiência que os estudantes podiam alcançar, e observamos que um número bastante baixo possui capacidade de alcançar tal nível. Agora, veremos como o estado sergipano se saiu no geral, no primeiro nível, 45.28% dos alunos ficaram neste quesito, 34.92% alcançaram o nível dois de proficiência em leitura, 16.78% no terceiro nível e apenas 3.02% atingiram o quarto nível.

O que será que está faltando no ensino público dos primeiros anos do fundamental menor? Talvez seja pelo fato de que a maioria dos discentes da presente instituição, a qual o boletim analisado se refere, são pertencentes à famílias desprovidas de recursos para investirem na educação de seus filhos, já que fazem parte de classe média baixa, e na maioria das vezes, os pais deixam a responsabilidade de educação apenas nas mãos da escola, não

incentivando seus filhos no contexto familiar, fator que pode, certamente, influenciar gritantemente no aprendizado das crianças.

Agora partiremos para a análise relativa aos dados sobre a escrita que os alunos obtiveram na prova ANA de 2016, na mesma instituição acima mencionada. Sendo assim, podemos perceber que no quadro de resultados da escola sobre a proficiência em escrita, apresenta cinco níveis de aprendizagem, sendo que no primeiro nível, se enquadram aqueles indivíduos que possuem mais dificuldades no que diz respeito à escrita propriamente dita, e vai evoluindo até alcançar o nível cinco. Logo, observamos que no geral, de todos os alunos da instituição ora analisada, que participaram da prova ANA de 2016, 44.44% se enquadraram no primeiro nível de proficiência em escrita, 30.56% no segundo nível, 0.0% no terceiro nível, 22.22% ficaram no quarto nível e apenas 2.78% desses alunos conseguiram alcançar o quinto e mais avançado nível de proficiência em escrita estipulado pela prova ANA. Já no estado de Sergipe em geral, podemos ver que no primeiro nível desta modalidade, 31.39% dos estudantes do estado se enquadraram neste nível, 23.33% no segundo nível, 1.24% no terceiro, 42.21% no quarto e apenas 1.84% no quinto.

4.2- ANÁLISE DOS DADOS DA PROVA ANA 2016 DA INSTITUIÇÃO II

PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES DE SUA ESCOLA			
Estudantes	Leitura	Escrita	Matemática
PREVISTOS			
Total de estudantes matriculados em sua escola, no 3º ano do Ensino Fundamental, de acordo com o Censo Escolar 2016.	95	95	95
PRESENTES			
Total de estudantes matriculados em sua escola, no 3º ano do Ensino Fundamental, que estavam presentes no dia da aplicação dos testes ANA, de acordo com o Censo Escolar 2016	88	88	82
PRESENTES VÁLIDOS			
Total de estudantes matriculados em sua escola, no 3º ano do Ensino Fundamental, que estavam presentes e que responderam a três ou mais questões dos testes objetivos (Leitura ou Matemática), de acordo com o Censo Escolar 2016.	87	87	82

Agora partiremos para a análise dos resultados da prova ANA de 2016 da segunda instituição de ensino, só que esta sendo municipal, também pertencente à cidade de Ribeirópolis- SE, para podermos averiguar como os estudantes de duas instituições de mesma origem, porém, de redes de ensino diferentes, se saíram no respectivo teste.

Logo, partindo de nossas análises, observamos que os integrantes do colégio que estamos analisando agora, a maioria é composta por indivíduos pertencentes à classe média, já diferente da outra instituição que mencionamos anteriormente. E além do nível socioeconômico, tem um outro dado que também é muito relevante, que o nível de formação do corpo docente da instituição, logo, 713,1% dos professores desta escola possuem o nível de formação adequada ao ensino propriamente dito.

No que diz respeito ao número total de estudantes do presente colégio, que estavam cursando o terceiro ano do ensino fundamental no ano de 2016, percebemos que haviam 95 crianças matriculadas, sendo assim, 88 alunos compareceram no dia de realização da prova ANA a respeito da leitura e da escrita, só que apenas 87 conseguiram responder tal avaliação, e 82 estavam presentes no dia do teste de matemática.

Mais adiante, podemos observar que assim como os dados que analisamos na primeira instituição a respeito da proficiência em leitura, averiguamos que nos boletim da presente escola, também, irá explicitar quatro níveis ao quais os estudantes foram classificados de acordo com os resultados do teste. No primeiro nível, que de acordo com a ANA é o mais simples, 42.53% dos alunos que responderam a prova se enquadraram nele, 31.03 % dos estudantes foram distribuídos no segundo nível, 21.84% ficaram no terceiro nível de proficiência, e apenas 4.6% do total dos alunos conseguiram alcançar o quarto nível, o qual é o mais elevado. Se compararmos os resultados, acima mencionados, com as notas obtidas pelo estado sergipano em geral, observamos que 45.28% dos alunos do estado ficaram no primeiro nível de proficiência, 34.92% no segundo, 16.78% no terceiro nível, e 3.02% apenas, foram distribuídos no quarto nível de proficiência em relação à leitura.

Dando continuidade com nossas análises, partiremos agora pra observação dos resultados relativos à proficiência em escrita, do colégio municipal analisado, através da qual podemos perceber que existem cinco níveis distintos sobre o desempenho dos estudantes no campo da escrita. Assim como nas outras análises que realizamos no decorrer de nosso trabalho, aqui também os níveis evoluem crescentemente, do primeiro que se trata do mais inferior, até o quinto, o qual se constitui de indivíduos possuintes de mais conhecimento dentre aquele grupo de alunos do terceiro ano do ensino fundamental menor do respectivo colégio analisado.

Logo, fica perceptível que do total de alunos que participaram da prova ANA de 2016 do colégio acima mencionado, 37.93% foram classificados no primeiro nível de proficiência em escrita, 25.29% ficaram alocados no segundo nível, 0.0% no terceiro, 33.33% foram distribuídos no quarto nível e apenas 3.45% ficaram no quinto e último nível de proficiência. Agora, no que tange aos dados pertencentes ao estado de Sergipe no geral, averiguamos que 31.39% dos alunos ficaram no primeiro nível, 23.33% no segundo, 1.24% foram distribuídos no terceiro nível, 42.21% no quarto e apenas 1.84% conseguiram alcançar o último nível relativo à proficiência em escrita.

4.3- UM BREVE COMENTÁRIO ACERCA DOS RESULTADOS DA PROVA ANA 2016

Sabemos que na sociedade contemporânea, o sistema educacional ainda passa por momentos bastante turbulentos e gritantes devido ao quadro existente em nosso país. Quando se fala em educação ou problemáticas educacionais, é sabido que esse é um problema muito antigo, sempre houve falhas relativas ao ensino propriamente dito.

Em um único país podemos obter uma melhor qualidade de ensino numa região do que em outra, ou talvez seja por fatores relacionados aos contextos sociais, econômicos, que levam a determinados grupos vantagens em relação aos outros que se encontram num status muito mais desfavorecido se compararmos com as pessoas que possuem condições financeiras suficientes para investirem numa melhor educação, fazendo com que os índices de indivíduos analfabetos cresça cada vez mais, de acordo com as pesquisas de Cabral:

“não só ainda existem 774 milhões de iletrados, dos quais 64% são mulheres, conforme os dados do Serviço de Estatística da UNESCO (2007), como mesmo em muitos países em que o ensino fundamental é compulsório, a porcentagem de analfabetos funcionais vem aumentando, o que os torna praticamente à margem da realização pessoal, social e civil.” (Cabral, 2007, p. 02)

Ao observarmos o desempenho obtido pelos estudantes da primeira e da segunda instituição analisadas, ambas pertencentes à cidade de Ribeirópolis- SE, fica bastante explícito que no nosso estado existe algumas dificuldades direcionadas ao ensino, principalmente nos primeiros anos do ensino fundamental, haja vista que a prova ANA que escolhemos como *corpus* do nosso trabalho diz respeito ao 3º ano do ensino fundamental menor, e as duas escolas as quais realizamos nossas análises não se saíram muito bem no presente teste, e o resultado atribuído ao estado sergipano também foi muito inferior.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que salientamos no presente trabalho de pesquisa, podemos concluir então, que os problemas existentes no atual cenário da educação no Brasil, com um olhar mais aprofundado ao estado de Sergipe, assim como as práticas pedagógicas, são decorrentes de ideais que já existiam no passado, sobre o fato de que os indivíduos que possuem um melhor nível socioeconômico podem obter mais privilégios e oportunidades se compararmos com as pessoas que compõem a massa mais pobre em nosso país, que podemos afirmar, então, que é a maioria dos brasileiros.

Logo, o reflexo do que explicitamos acima, podemos observar claramente nos resultados da prova ANA de 2016, que apontam um alto índice de deficiência dos estudantes de escolas públicas em relação ao nível de proficiência em leitura, escrita e matemática, mas esse quadro não faz presença apenas no Brasil como podemos observar em Cabral:

O Departamento de Educação do Reino Unido em seu relatório de 2006 informou que 47% das crianças deixam a escola aos 16 anos sem ter adquirido o nível básico em matemática funcional e 42% falham em alcançar o nível básico no inglês funcional (Guardian Unlimited, 10/07/2007). A cada ano, 100.000 alunos deixam a escola como analfabetos funcionais no Reino Unido. Embora a taxa de letramento, nos Estados Unidos, seja muito elevada, mensurada por no mínimo oito anos de escolaridade, estatísticas recentes indicam a existência de aproximadamente 30 milhões de analfabetos funcionais, cifra que vem aumentando (Civilliberties, 2007). Observe-se, portanto, que freqüentar a escola mesmo até completar o ensino fundamental, não é garantia para que o indivíduo consiga entender, usar e refletir sobre os textos escritos. (Cabral, 2007, p.04)

Os primeiros anos de alfabetização devem ser observados e concretizados com muito cuidado e atenção. Deve ser levado bem a sério, ao invés de fecharem os olhos para as dificuldades, que na maioria das vezes, são apresentadas pelos alunos e muitos educadores fecham os olhos para as determinadas situações complexas, contribuindo, pois, na má formação dos discentes nas várias áreas de ensino, seja na leitura, escrita ou na matemática, as quais são exploradas pela prova ANA.

No mais, podemos concluir, por assim dizer, que as instituições públicas de ensino, mais precisamente, os educadores têm como papel fundamental, se atentarem aos diversos fatores contextuais que de alguma maneira podem dar relevâncias em suas práticas pedagógicas, para que assim consigam concretizar de fato, o seu verdadeiro papel como sujeito essencial no processo de aprendizagem.

Tudo isso porque existem inúmeras causas pertinentes que circulam em meio dos espaços educacionais, como por exemplo, o conhecimento socioeconômico ao qual nossos alunos se inserem, assim também, como o seu espaço familiar, haja vista que em várias famílias podemos encontrar vários problemas que, de certa forma, poderá interferir num bom desempenho dos indivíduos nos ambientes escolares, gerando assim, o déficit denunciado através dos resultados da prova ANA de 2016, os quais mencionamos no decorrer de nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível/** Irandé Antunes- São Paulo: Parábola Editorial, 2009;

BAGNO, Marcos. **Língua materna: letramento, variação e ensino/** Marcos Bagno, Gilles Guiné, Michael Stubbs- São Paulo: Parábola Editorial, 2002;

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos PNLD 2007.** Brasília: MEC;

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa /**Ministério da Educação – Brasília;

CABRAL, Leonor Sciliar. **Metas para a formação de professores: prioridades.** ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – PPGE/ME FURB ISSN 1809– 0354 v. 2, nº 2, p. 197-206, maio/ago. 2007. Disponível em <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/575/521>, acessado em 28/08/2017 às 20h25min;

NASCIMENTO, Antonio Dias, et al. **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas.** Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em <http://static.scielo.org/scielobooks/jc8w4/pdf/nascimento-9788523208721.pdf>, acessado em 29/08/2017 às 19h26min;

OLIVEIRA, Maria do Socorro et al. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna.** - Natal: EDUFRN, 2014;

Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Médio, 2000;

PCN+ Ensino Médio. Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias;

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina/** Rosa Virgínia Mattos e Silva, 7 ed.- São Paulo: Contexto, 2005.